

Corpo, espírito e espaço: Celebrações e festejos negros na zona leste de São Paulo como forma de resistência e preservação da memória¹

Juliana Ayres PINA²

Resumo:

O presente artigo é parte da pesquisa realizada para elaboração de dissertação acerca de imigrantes e migrantes na cidade de São Paulo e tem como objetivo mostrar a importância do corpo enquanto mídia na resistência e sobrevivência das cerimônias e festejos negros realizados na igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e São Benedito, localizada na zona leste de São Paulo. Partindo da premissa de que toda comunicação começa e termina no corpo (PROSS), o texto discorre sobre as lutas e enfrentamentos que os negros sofreram para manifestar sua fé. Além da observação não participante, faz um levantamento histórico da fundação do bairro da Penha trazendo à tona a importância do catolicismo popular e da religiosidade para o local e discorrendo sobre o papel do negro e do pobre na sociedade paulistana desde sua fundação. O artigo também relaciona os fatos expostos ao simbolismo de centro proposto por Mircea Eliade levando à reflexão sobre as relações riqueza, pobreza, centro e periferia.

Palavras-chave: São Paulo; negros; Zona Leste; memória; centro.

1. São Paulo, a Penha e os pobres

Conhecendo a história do negro na cidade de São Paulo, como fragmento da pesquisa para elaboração de dissertação sobre imigrantes e migrantes na cidade e como moradora do bairro Penha e frequentadora dos eventos na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e São Benedito, surgiu a curiosidade em saber como aquele grupo, protagonista das festas e rituais, havia se estabelecido e consolidado no local. Para isso, este artigo traça um breve panorama da presença do negro em São Paulo e no

¹ Trabalho apresentado na XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocon), realizada na Pontifícia Universidade Católica – Campinas, 17/8/2017

² Mestranda pelo programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista. julianaayrespina@gmail.com

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

bairro da Penha, partindo da fundação de São Paulo para contextualizar a importância dos eventos negros na cidade enquanto forma de resistência e preservação da cultura.

Começamos com um trecho onde a autora Raquel Rolnik descreve a fundação da cidade:

A vila de São Paulo foi fundada em 1554, por padres jesuítas que, a partir de São Vicente (no litoral), subiram uma escarpa densamente recoberta pela Mata Atlântica - a serra do mar -, guiados por índios tupi-guaranis. No planalto, fundaram um colégio sobre uma de suas colinas, de onde se vislumbrava o vasto panorama da várzea do rio Tamanduathey, afluente do Tietê, cujas cabeceiras se situam no Caminho do Mar. Até meados do século XIX a cidade não tinha grande importância para a economia do país (ROLNIK, 2002, p.14).

Existem registros que, já na mesma época de sua fundação, existia um povoado no que hoje vem a ser o bairro de São Miguel Paulista, na zona leste de São Paulo.³ As terras onde hoje encontra-se o bairro da Penha eram passagem para o povoado de João Ramalho e não demorariam a ser ocupadas.

Os livros e pesquisas nos contam que o local é marcado pela religiosidade desde sua fundação. Diz a lenda, que o bairro foi fundado em torno de uma imagem de Nossa Senhora da Penha, santa de devoção de um viajante francês:

[...] fazendo o trajeto de São Paulo ao Rio de Janeiro, [...] por duas vezes viu-se obrigado a retroceder, à procura de uma imagem de Nossa Senhora da Penha de França. A imagem, por duas vezes, teimosamente, sumira dos pertences de nosso viajante, vindo encontrá-la no alto de uma colina, [...] o viajante viu naquele fato em duas sequências, que a imagem ali desejava ficar, e para tanto foi construída uma modesta ermida para abrigar a referida imagem (LINGUITE, s/data, p.10).

Esta versão, que corre há séculos na boca dos penhenses, não é de toda dissociada do que contam os registros. Oficialmente o bairro data de 1668, quando uma

³ TOLEDO, Roberto Pompeu de. A capital da solidão. São Paulo: Editora Ponto de Leitura, 2003, p.63. Conforme Toledo: "... o local onde João Ramalho, mais as mulheres, mais os filhos, mais os índios a seu serviço, cativos ou agregados, teria seu acampamento, ou ajuntamento, ou reduto, ou sede de sua "força", para voltar à linguagem da época [...] Algumas especulações situam-na na Zona Leste da São Paulo atual, entre o bairro de São Miguel e o município contíguo de Poá".

sesmaria que possuía uma ermida, restingas, brejais e algumas campinas foi concedida à Matheus Nunes da Siqueira (BONTEMPI, 1969, p.37-38) que, segundo Arroyo, era “[...] *homem religioso [...], nada seria de estranhar portanto ter também fundado a igreja de Nossa Senhora da Penha. Antecedentes não lhe faltam para tanto*”. O autor também nos traz que o padre Jacinto Nunes da Siqueira, filho e herdeiro de Matheus Nunes da Siqueira, torna-se o mantenedor de tal ermida (ARROYO, 1954, p. 173-174). Este, ampliou e reformou-a culminando em sua elevação à capela, que ainda hoje conserva em sua entrada a data de sua inauguração, 1682.

Nesta época, em volta do modesto templo, surge um pequeno aglomerado de casebres rústicos (BONTEMPI, 1969, p.56-57). Edson Penha de Jesus faz um retrato de como era a vida no local:

Na Penha do século dezessete e até meados do século dezoito, as atividades e relações sócio-econômicas estabelecidas se associavam às necessidades de subsistências. O aglomerado que se estruturava apresentava-se economicamente isolado e com pequena população. No entanto, culturalmente já se organizava a partir de práticas religiosas, crenças e ritos originários do catolicismo popular, e da ordem colonial representada na figura do possuidor da sesmaria. O ritmo da vida era determinado pela natureza e a divisão social do trabalho era fraca. As relações sociais eram face a face e marcadas pela afetividade estabelecida nas relações de parentesco e compadrio (JESUS, 2006, p.36).

Pelo exposto, percebemos que não somente os casebres mas também a vida social e religiosa de seus moradores orbitava o templo, fazendo com que este fosse o centro mantenedor das atividades e das relações do local. É esta ideia de centro que utilizaremos, a partir da concepção de Mircea Eliade, para elucidar o poder e a influência da igreja no cotidiano do lugar.

Todas estas cidades, templos ou palácios considerados como Centros do Mundo, não são mais do que réplicas infinitamente multiplicadas de uma imagem arcaica: a Montanha Cósmica, a Árvore do Mundo ou o Pilar central que sustém os níveis cósmicos [...] O topo da Montanha Cósmica não é apenas o ponto mais alto da Terra; ele é o umbigo da Terra, o ponto onde começou a criação (ELIADE, 1979, p.42).

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

Tal conceito cabe perfeitamente ao mito de fundação da Penha, que traz o alto da colina como local escolhido pela imagem de Nossa Senhora para ficar e, portanto, tido como local sagrado.

É por essa razão que o homem religioso sempre se esforçou por estabelecer-se no “Centro do Mundo”. Para viver no Mundo é preciso fundá-lo – e nenhum mundo pode nascer no “caos” da homogeneidade e da relatividade do espaço profano. A descoberta ou a projeção de um ponto fixo – o “Centro” – equivale à Criação do Mundo (ELIADE, 1979, p.17).

Sendo assim, o desejo de estar o mais próximo possível do centro, no caso a capela de Nossa Senhora da Penha, não se dá apenas na posição geográfica do casebre, mas também na participação dos rituais e festejos. Opor-se à religião católica, naquele contexto, significaria excluir-se de todas as atividades da comunidade.

John Manuel Monteiro expõe a dificuldade dos nativos em integrar-se às novas formas sociais e ao mesmo tempo manter suas tradições e cultura:

[...] no início da colonização, as relações de troca e as alianças mediarão a exploração do trabalho nativo. Porém, uma vez firmadas as relações escravistas, no decorrer do século XVII reverteu-se este quadro, inserindo-se a população indígena numa nova realidade social. Os índios, por seu turno, sem condições de reproduzir plenamente as formas pré-coloniais de organização, procuravam forjar espaços próprios no interior da sociedade colonial. Esta busca, embora produzisse resultados no mais das vezes ambíguos, manifestava-se tanto na luta cotidiana pela sobrevivência quanto nas múltiplas formas de resistência (MONTEIRO, 1994. p.170).

Deste modo, os índios ao mesmo tempo em que tentavam resistir também desejavam estar próximos ao centro e assim começa haver uma troca entre esses povos. De acordo com o princípio da recursividade, contido na teoria da complexidade de Edgard Morin⁴, tal interação entre índios e portugueses não passaria incólume, e como

⁴ MORIN, Edgar. Para navegar no século XXI: Da necessidade de um pensamento complexo. Org. Francisco Menezes Martins, Juremir Machado da Silva. Ed. PUCRS, 1999, p.27. Para Morin, a recursividade é “um anel gerador, no qual os produtos e os efeitos são produtores e causadores do que os produz. Nós, indivíduos, somos os produtos de um sistema de reprodução oriundo do fundo dos tempos, mas esse sistema só pode reproduzir-se se nós mesmos nos tomamos produtores pelo acasalamento. Os

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

fruto destas relações surgiram os mamelucos:

[...] os mesmos mamelucos que viviam nus, a esposar índias e a comer brancos, possuíam também apreciável currículo de sertanistas. Participavam de várias expedições de resgate de índios - como contaram ao espantado visitador - e ora cativavam os nativos à força, invadindo as aldeias, ora comerciavam com os “principais” do lugar, adquirindo prisioneiros de guerra ou mulheres (VAIFAS, 1995, p.147).

Assim, nem índios nem europeus, os mamelucos iam sobrevivendo de maneira bastante distinta dos nobres portugueses. Tal informação é fundamental para compreender a composição do povoado da Penha e sua relação social e econômica com o centro da cidade.

[...] a julgar pelas listas do donativo real de 1679-82, grande parte da população rural de São paulo caracterizava-se pela pobreza, desfrutando de condições materiais pouco superiores às da massa de escravos índios. De certo modo, o padrão de distribuição de riqueza nos bairros de Santo Amaro e Caaguaçu prenunciava aquilo que viria a ser uma condição geral da área rural de São Paulo em meados do século XVIII. Sem acesso a grandes números de trabalhadores indígenas para cultivarem terras virgens ou, ainda, herdando unidades de produção decadentes e terras exauridas dos primeiros ocupantes portugueses, a grande maioria dos homens livres paulistas, junto com um número sempre menor de índios subalternos, trazidos com grande sacrifício de sertões longínquos, cultivava roças primitivas para sustentar a família, a parentela e os índios de serviço, produzindo apenas eventualmente um pequeno excedente para vender nos mercados ínfimos das vilas. Em suma, a expansão do povoamento e o desenvolvimento da agricultura em São Paulo no século XVII, ao introduzir uma perspectiva de riqueza comercial, estabeleceu, ao mesmo tempo, a medida da pobreza da rural (MONTEIRO, 1994, p.207 e 208).

Aqui, há de se colocar, a relação entre a riqueza e a pobreza, e o centro e a periferia. A cidade cresceu de forma lenta e sem expressividade até 1850, quando a cultura cafeeira ocupa o oeste paulista e a economia da cidade ganha destaque, fazendo

indivíduos humanos produzem a sociedade nas - e através de - suas interações, mas a sociedade, enquanto todo emergente, produz a humanidade desses indivíduos aportando-lhes a linguagem e a cultura”.

com que sua população aumentasse de forma exponencial. Assim, devido ao adensamento urbano, a cidade crescia e novos agrupamentos se formavam entre os povoados antigos e o centro, com isso as vilas distantes iam tornando-se mais “próximas” do local da fundação de São Paulo, ou seja, surgia uma percepção de unidade, mas também segregação em relação aos que residiam longe do centro. Percebamos que, a sacralidade do centro não se dá mais somente por sua condição espiritual ou religiosa, mas também pelo aspecto econômico. Essa diferença entre moradores do centro e das vilas, das periferias, é exposta no trecho a seguir:

[...] os moradores das áreas mais distantes - Penha, Nossa Senhora do Ó, Santana, Santo Amaro, Guarulhos entre outras localidades - vinham vender seus produtos agrícolas, medicinais, artesanais, madeira e outros artefatos para os moradores das regiões mais centrais da Paulicéia. Esses sujeitos sociais, que marcaram presença em São Paulo na virada do século, ficaram conhecidos como “caipiras ou caboclos”, em parte em decorrência da distância de suas residências, em parte por causa de suas origens indígenas e características físicas e comportamentais vinculadas à população pobre nacional. [...] seu andar é pesado e eles têm um ar rústico e desajeitado. Os cidadãos têm pouca consideração por eles (SANTOS, 2003, p.101).

As características indígenas dos caipiras começam a sofrer outras influências quando os nativos passam a ser substituídos pelos negros e, mais tarde, pelos europeus (SCHWARCZ, 1987, p.20). Segundo Rolnik, *“nesse período, com a escravidão em crise, a região importava toda mão de obra escrava disponível no país, de tal forma que, em 1870, dos 32 mil habitantes de São Paulo, um terço era negro ou mulato* (ROLNIK, 2002, p.150).

A partir de 1870, também começam a chegar os primeiros imigrantes europeus, especialmente os italianos, para o trabalho na lavoura (SCHWARCZ, 1987, p.51). A população da cidade então passa a apresentar uma mistura interessante graças à composição de origens diversas de seus habitantes. A transformação, porém, não foi apenas étnica, grandes mudanças políticas, econômicas e urbanísticas marcaram o final do século XIX e alteraram completamente o modo de vida de seus habitantes.

Com a abolição da escravidão em 1888, os negros libertos são obrigados a

buscar novas formas de sustento. Segundo Rosangela Ferreira de Carvalho Borges:

Os negros que se estabeleceram nos centros urbanos, em sua maioria, passaram a sobreviver de pequenos biscates, serviços domésticos, atividades ligadas às tarefas manuais ou braçais e a residirem nos arredores da zona central, aglomerados em cortiços, cujos proprietários, em grande parte, eram imigrantes europeus. Além da acusação de vadiagem, os negros também eram descartados do mercado de trabalho, porque os patrões - fazendeiros ou proprietários das primeiras indústrias - diziam que exigiam altos salários (BORGES, 2013, p.13).

De acordo com a colocação da autora, muitos dos negros que se estabeleceram nos centros urbanos se viram obrigados a residir nos arredores da zona central, ou seja, na periferia da cidade, o que nos leva a associar que o já então bairro da Penha recebe muitos destes negros.

Em relação às relações sociais, assim como os índios, os negros também tentaram aproximar-se do sagrado tentando manter, dentro do possível, suas tradições e cultura. Uma das formas que os negros encontraram de fazer parte da igreja foram as irmandades, Antonia Quintão Cezerilo discorre sobre a importância destas irmandades na vida dos negros:

Ao participarem dessas associações, os negros poderiam reconhecer um significado para sua vida, na medida em que elas estimulavam a solidariedade, possibilitavam o culto aos mortos, garantiam um enterro a seus membros, auxiliavam materialmente os irmãos mais necessitados, compravam cartas de alforria e realizavam grandiosas festas coletivas (CEZERILO, 2005, p.27).

Em continuidade ao assunto, Toledo explana sobre a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos demonstrando a importância desta na vida da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

Nesse lugar, que viria a ser o largo do Rosário, e depois a praça Antônio Prado, edificou-se, na década de 1730, a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos - daí o nome da rua [...] O surgimento de uma igreja só para os negros, na cidade, denuncia não só um número já significativo deles, mas também uma surpreendente capacidade de associação. Uma capela primitiva, no mesmo local,

existiria já desde o início da década de 1720. Sua ereção teria coincidido, muito possivelmente, com a constituição da cidade, a exemplo do que ocorria em outras cidades e vilas do Brasil, da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. O certo é que essa irmandade, cuja dedicação a Nossa Senhora do Rosário reflete uma devoção com raízes na própria África, por influência de evangelizadores portugueses, já estava constituída em 1728, quando pediu à Câmara - e obteve - a titularidade da área onde tinha sua capela, para a edificação de uma igreja [...] A igreja do Rosário assinala não só um número já razoável de negros em São Paulo e sua capacidade de associação. A memória que dela restou também revela que, a exemplo de outras cidades brasileiras, e notadamente na Bahia, os negros de São Paulo davam-se a práticas sincréticas, misturando o catolicismo recém-abraçado com as crenças africanas de seus ancestrais. Vale isso dizer que, se em parte domesticavam-se à vontade e à cultura do escravizador, de outra parte entrincheiravam-se nas tradições de suas raízes, como instrumentos de resistência. Na parte de fora da igreja transcorriam ritos em que terços católicos se misturavam a peles de lagarto ou de sapo, figas de guiné, olho de cabra e pés de galinha. Também havia festas em que se dançava o “tambaque” e se encenava a congada. Nos arredores da igreja foram-se instalando, uns para morar, outros para vender doces, mandioca, pinhão ou milho, frutas ou legumes, negros alforriados, ou “escravos de ganho”, como eram conhecidos aqueles que os patrões lotavam no pequeno comércio de rua para arrecadar-lhes alguns trocados (TOLEDO, 2003, p.243-245).

A cena descrita acima por Toledo em nada combinava com a imagem de progresso e modernidade que se vinculava à nova São Paulo e materializava-se por meio da reforma urbanística e seus jardins públicos, equipamentos culturais, cafés e lojas elegantes pensados exclusivamente para a elite emergente (ROLNIK, 2002, p.17).

Não é a toa que em 1904 o então prefeito, Antônio Prado, derruba a igreja do Rosário dos Pretos, desapropria prédios do entorno, amplia e remodela o local. Assim, o antigo largo do Rosário, no ano de 1905 passa a se chamar praça Antônio Prado e, em 1906, a comunidade negra ganha uma nova igreja no largo do Paissandu (TOLEDO, 2003, p.527). Mas não é assim, de um ano para o outro, que dois séculos de atividades se reconstituem como se nada tivesse acontecido. O ponto de devoção dos negros, ou seja, o seu centro foi dissipado, deixando toda uma comunidade sem referência e, portanto, desorientada.

Como dito anteriormente, muitos negros pós-abolição deslocaram-se para áreas periféricas da cidade e, embora não tenhamos encontrado fontes comprobatórias, é de se considerar que o ato higienista do prefeito Antônio Prado tenha contribuído ainda mais para esse deslocamento. Um forte indício é o fato da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e São Benedito, na Penha, ter sido reformada justamente no ano de demolição da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, no antigo largo do Rosário, em 1904.

2. Penha, um bairro de fé

Como exposto logo no início deste texto, desde sua fundação a Penha está ligada à questão religiosa. Voltemos ao ano de 1796, quando a Penha deixa de ser arraial e passa a ser freguesia. Segundo Jesus, a elevação de categoria se dá não pelo desenvolvimento econômico da região, mas sim pelo alcance que a fama da santa padroeira começa a tomar (JESUS, 2006, p.51-52). Um dos registros de tal fama é narrado por Toledo:

São Paulo crescia, apesar de tudo. Vez ou outra, era castigada por severas epidemias - de sarampo às vezes, de disenteria outras, mas, sobretudo, de varíolas, as temidas bexigas. Foi assim em 1780, [...] Quem não tinha a doença tratava de não vir à cidade, para não ser contagiado.[...] no auge da epidemia, os membros da Câmara solicitaram ao bispo da cidade, D. Manuel da Ressurreição, que se trasladasse da igreja da Penha ao centro da cidade a imagem de Nossa Senhora que, instalada naquele arrebalde desde o século anterior, era tida por milagrosa. Ia-se pedir ajuda do céu para dar cabo à peste que nenhuma força da terra revelara-se capaz de conter. O bispo autorizou o traslado e lá veio a santa em procissão, num longo percurso, até a catedral da Sé (TOLEDO, 2003, p.277).

Tais procissões foram ganhando importância conforme a fama da padroeira aumentava. Assim, a ida e volta da imagem da santa, bem como sua festa em 08 de setembro, iam tornando-se importantes acontecimentos na cidade:

[...] nas ruas por onde tinha de passar a solene procissão, erguera-se bonitos arcos de murta e flores, iluminando-se à noite, as frentes de

quase todas as casas da Cidade, especialmente do Triângulo [área delimitada pelas ruas Direita, São Bento e XV de Novembro], que foram enfeitadas [...] Para facilitar o trânsito até a Freguesia da Penha, por acasão da ida, a 11 de julho de 1876, da imagem da sua padroeira, a Companhia do Norte [...] pôs pela primeira vez carros de 40 em 40 minutos até a Estação Guaiúna (JESUS apud MARTINS, 2006, p.57).

Estes eventos eram das poucas oportunidades que os mais pobres tinham de divertir-se e também manifestar-se. Nestes festejos, cidadãos de etnia e classes distintas dividiam por alguns instantes o mesmo espaço e intenção.

Para a população mais pobre e escravos tratava-se provavelmente das raríssimas oportunidades de divertimento e um dos únicos espaços públicos onde poderiam colocar em prática suas manifestações específicas. Várias dessas festas já continham em suas comemorações danças e cantorias populares, introduzidas e assimiladas durante séculos e, portanto, de certa forma reconhecidas e admitidas pelas instituições. Outras destas paulatinamente foram sendo ocupadas por expressões dos diversos grupos étnicos e culturais presentes na cidade, concretizando-se geralmente após os cultos religiosos e celebrações oficiais. [...] para a maioria dos pesquisadores que procuram entender as festas religiosas populares, a tradição da combinação entre os cultos religiosos católicos e as expressões coreográficas sonoras mundanas de vários grupos étnicos está assentada, na sua primeira fórmula, na ação dos jesuítas, que fundiram as celebrações religiosas com adaptações de danças e músicas indígenas [cateretê ou catira, cururu] [...] outro tipo de fusão também se incorporou às formas de comemoração dos festejos paulistanos: a progressiva tendência de penetração dos negros nas festividades [batusques congadas e sambas nos largos das igrejas] (JESUS apud MORAES, 2006, p.53-54).

Tais eventos tinham extrema importância na vida dos negros, pois eles eram proibidos de frequentar a igreja dos brancos, restando a rua e os terreiros das fazendas como espaço de manifestação de sua fé. Como exposto anteriormente, as irmandades tinham fundamental importância na vida dos negros, pois era através delas que eles se articulavam e garantiam o direito de exercer sua religiosidade.

No bairro da Penha, de acordo com o livro de assentamentos da Irmandade dos Homens Pretos da Penha de 1755-1780, constata-se que esta era composta por homens e mulheres e que *“contribuíam com valores expressivos e que estes podiam ser quitados*

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

ainda em duas vezes, também eram anotados o nome do irmão ou irmã que havia indicado e quais as exigências necessárias para que este se filiasse à Irmandade” (OLIVEIRA, 2014, p.13).

Tal irmandade ergueu, em decorrência de sua proibição de entrar no templo principal, a capela para Nossa Senhora do Rosário em 16 de junho de 1802 exatamente atrás da igreja de Nossa Senhora da Penha e de costas para a catedral da Sé, portanto voltada para a periferia. Os negros pediram esmolas por cinco anos para reunir o dinheiro necessário para construção.⁵ Segundo o site da prefeitura de São Paulo: “*Sua pobreza foi atestada em 1838 quando os pertences da capela foram inventariados. Nela existia apenas uma cruz de prata pesando duas libras.*”⁶

Há de se levar em consideração que, naquela época, não haviam padres suficientes para a evangelização no país. Deste modo, quem fazia este trabalho era na maioria das vezes, as mulheres, que ensinavam o Pai Nosso às crianças, a reza do terço e também as simpatias para arrumar casamento e os benzimentos de proteção (SANTOS, 2006, p.31). Deste modo, na Penha e nas vilas distantes, que não contavam com um pároco fixo e regular, o catolicismo popular (JESUS apud OLIVEIRA, 2006, p.47)⁷ e portanto o sincretismo, eram muito fortes nas relações e cotidiano do local.

Não era de se estranhar, portanto, que os padres redentoristas, ao chegarem na Penha em 1905, entrassem em conflito com as práticas religiosas do local. Para desestabilizar e enfraquecer a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Penha, sabendo da devoção dos negros por São Benedito, criam a Irmandade de São Benedito e transferem para a capela do Rosário as missas e demais eventos da igreja de Nossa Senhora da Penha alegando reformas no templo (OLIVEIRA, 2014,

⁵ Sítio da basílica de Nossa Senhora da Penha (<http://www.basilicadapenha.com.br/index.html>). Acessado em 23/07/2017.

⁶ Sítio da Prefeitura de São Paulo. (<http://www.jornadadopatrimonio.prefeitura.sp.gov.br/2016/events/igreja-de-nossa-senhora-do-rosario-dos-homens-pretos-da-penha/>). Acessado em 23/07/2017.

⁷ Sobre o catolicismo popular diz: “...o conjunto de representações e práticas religiosas dos católicos que não dependem da intervenção da autoridade eclesiástica para serem adotadas pelos fiéis. Concretamente, chamamos de Catolicismo Popular as representações das práticas relativas ao culto dos santos e à transação com a natureza e não os sacramentos e a catequese formal.”

p.14-15). Em 1937, a irmandade de São Benedito é transferida da capela do Rosário para a igreja de Nossa Senhora da Penha, muitos negros não concordaram com a decisão e deixaram de fazer parte da irmandade. Os rituais e festejos não foram extintos, mas, a partir de então, perderam força e notoriedade (OLIVEIRA, 2014, p.14-15).

A igrejinha, feita em taipa de pilão e contando apenas com uma nave, capela-mor, galeria lateral e sacristia, foi tombada em 1982 como consta na Resolução nº 37/92 do CONDEPHAAT, isso não impediu que em 2000 a capela fosse interditada sob a iminência de desmoronamento. Esse fato foi de suma importância para que um grupo de pessoas se mobilizasse para a reforma e para, em 2002, organizar uma festa em homenagem aos 200 anos da fundação da igreja e institui a Comissão do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França. A festa passa a ser anual, ocorrendo em todo o mês de junho e tendo o seu ponto alto na coroação dos reis da festa, grupos de congada, moçambique, maracatus e folias de São Paulo e de outros locais.

Em 2013, passa a acontecer a celebração do Rosário que segue as orientações litúrgicas romanas, mas que utiliza elementos da cultura afro-brasileira como arruda, alfazema, atabaques, pipoca, flores, além das vestimentas coloridas e turbantes utilizados por muitos frequentadores.

Norval Baitello Jr, em referência à Harry Pross afirma que:

[...] o corpo que detém os primordiais meios de comunicação, os meios primários, que lhe possibilitam alimentar elos com os outros. Entre os meios primários de comunicação, Pross enumera os sons inarticulados e articulados (entre estes, a voz), os gestos, os odores, as fisionomias, as posturas, os movimentos. [...] São, em sua combinatória, infinitas as possibilidades que emanam do corpo. [...] Desse modo, todos os outros meios de comunicação estão com as raízes finamente entrelaçadas no subsolo da materialidade corporal (BAITELLO JR, 2008, p.95-96).

A partir da explanação acima, constata-se que os negros da Penha, no caso do largo do Rosário, permanecem e resistem porque se fizeram presentes naquele local. Mais do que o patrimônio material, no caso a igreja, eles se colocaram como portavozes de sua história, suas lutas e tradições ao longo do tempo.

Seus cantos, suas danças, seu cheiro comunicam mais do que se ali tivesse sido edificado um monumento, gravado um filme ou escrito um livro. O próprio corpo como mídia, de geração em geração, através da oralidade como fizeram seus ancestrais, lhes confere o respeito e memória que lhes é devido.

Referências bibliográficas

- ARROYO, Leonardo. **Igrejas de São Paulo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.
- BAITELLO JR, Norval. **Corpo e imagem: Comunicação, ambientes e vínculos**. São Paulo: Summus, 2008.
- BONTEMPI, Silvio. **O bairro da Penha**. São Paulo: Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 1969.
- BORGES, Rosângela Ferreira de Carvalho. **Axé Madona Achiropita**. São Paulo: Pedro & João, 2013.
- ARROYO, Leonardo. **Igrejas de São Paulo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.
- CEZERILLO, Antonia Quintão. **A cidade e suas histórias**. São Paulo: Lazzuli, 2005.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. Lisboa - Portugal: Arcadia, 1979.
- JESUS, Edson Penha de. **Penha: de bairro rural a bairro paulistano**. São Paulo: Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.
- LINGUITTE, Hedemir. **Santuário de Nossa Senhora da Penha**. São Paulo, 1989.
- MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MORIN, Edgar. **Para navegar no século XXI: Da necessidade de um pensamento complexo**. Organização Francisco Menezes Martins, Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: PUCRS, 1999.
- OLIVEIRA, Simone Almeida de. **Penha de França: Onde o Rosário nos une**. São Paulo: CELAC USP, 2014.
- ROLNIK, Raquel. **São Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2002.
- SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Nem tudo era italiano: São Paulo e Pobreza 1890-1915**. São Paulo: Annablume, 2003.
- SANTOS, Maria da Conceição dos. **Festa de preto na São Paulo antiga**. São Paulo: PUC SP, 2006.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. **Retrato em branco e negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

TOLEDO, Roberto Pompeu de. **A capital da solidão**. São Paulo: Ponto de Leitura, 2003.

VAIFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios: Catolicismo e rebeldia no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.